

A capoeira em Manaus – Amazonas (1969–2021)

Capoeira in Manaus – Amazonas (1969–2021)

Luiz Carlos de Matos Bonates¹

Doutor em Botânica Tropical – Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Tharcísio Santiago Cruz²

Doutor em Antropologia Social – Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Resumo

Faz-se uma revisão crítica dos 49 anos de “capoeira com berimbau” no Amazonas. Temos, como produto sociocultural desta, 81 mestres radicados, 90 aparelhos difusores de capoeira, relações com mais de 40 categorias sociais, artísticas e científicas e com mais de 100 instituições públicas e privadas. A capoeira difundiu-se em todas as classes sociais e faixas etárias, possui representantes nacionais e internacionais, dá origem a publicações acadêmicas, assim como a diversos tipos de mídia, e dispõe de representações de classe. Hoje, apesar de ser considerada patrimônio cultural imaterial do Amazonas, não possui uma efetiva política pública de salvaguarda. Analisando-se comparativamente a formação de capoeiristas e mestres e as gerações subsequentes, foi possível interpretar os desdobramentos da capoeira na sociedade local e, assim, situá-la num quadro interpretativo de sua contribuição histórica e antropológica para a afirmação da cultura popular no Amazonas.

Palavras-chave: capoeira; cultura; cidade; Manaus; Amazonas.

¹ Pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas Mestre da Escola de Capoeira Matumbé. *E-mail:* kkbonates@yahoo.com.br.

² Professor do Instituto de Natureza e Cultura da Universidade Federal do Amazonas Capoeirista da Escola de Capoeira Matumbé. *E-mail:* jucbr@yahoo.com.br.

Abstract

A critical review on the 49-year-long development of capoeira with berimbau in Amazonas has been carried out. Its sociocultural result 81 masters established in the state, 90 capoeira associations and groups, relationships with more than 40 social, artistic, scientific professions and more than 100 public and private institutions, has been demonstrated. Capoeira has spread out to all social classes and age groups, has national and international representatives producing academic publications and various types of media offering class representations. Yet, despite being considered an intangible cultural heritage of Amazonas nowadays, it does not have an effective public policy of safeguard. When analyzing the subsequent generations and comparing the capoeiristas (capoeira players) and masters' formation, it is possible to interpret its consequences for local society. Thus, it was possible to situate local capoeira within an historical and anthropological interpretative framework that has contributed to the affirmation of popular culture in Amazonas.

Keywords: capoeira; culture; city; Manaus; Amazonas.

Introdução

A formação sociocultural da sociedade manauara – do estado do Amazonas e da Amazônia – apresenta-se como pluriétnica em razão da atuação de indígenas, negros e imigrantes (principalmente europeus, asiáticos e americanos), gerando uma significativa configuração cultural. De certo modo, fatores socioeconômicos como o Ciclo da Borracha (de 1880 a 1912 e de 1942 a 1945) e a implantação da Zona Franca de Manaus (de 1967 até a atualidade) foram criados e estabelecidos em comum acordo pelos três entes federativos como ações desenvolvimentistas que visavam à ocupação do “grande vazio demográfico” da Amazônia. Essas ações exerceram grande influência no incremento, a partir do século XIX, dessa diversidade étnica e cultural, fundamental para o estabelecimento de crenças, costumes e hábitos – entre estes, a cultura da capoeira no Amazonas.

A capoeiragem já estava presente na região Norte do país desde a época do Império e nas primeiras décadas da República (principalmente em Belém e Manaus), consolidando-se primariamente como uma modalidade de rebeldia social no formato da “capoeira sem berimbau” (BONATES, 1997, 2011, 2016). Entende-se como “capoeira sem berimbau” a capoeira cuja técnica e cujo treinamento visam somente à briga de rua e/ou à defesa pessoal, com ou sem o emprego de armas. Outros fatores relacionados aos ciclos econômicos colaboraram para a presença da capoeira na re-

gião Norte, tais como: a migração e a imigração; o deslocamento, para a região, de contingentes militares; o degredo e a navegação mercante (SALLES, 1971, 1994, 2004; BONATES, 1997, 2011, 2016; PINHEIRO, 1999; LEAL, 2008; DANTAS, 2010; BONATES; CRUZ, 2020).

Até a presente data, o registro mais antigo da capoeira no Amazonas é o da “capoeira sem berimbau”, em 18 de junho de 1899, data inserida no Ciclo da Borracha. A “capoeira com berimbau”, instituída a partir do ano de 1972, é a capoeira regida pelo berimbau, que atua como instrumento-rei e de comando. Seu principal momento é a roda de capoeira, objetivando a ludicidade. É também conhecida como “capoeira baiana”. Cruz (2021) informa que a abrangência da “capoeira com berimbau” no estado do Amazonas atinge, desde os anos 1980, a longínqua região denominada Alto Solimões.

Manaus e o panorama da Zona Franca (1960)

Lefebvre (2016, p. 55) informa que

a cidade sempre teve relações com a sociedade no seu conjunto, com a composição e seu funcionamento, seus elementos constituintes (campo e agricultura, poder ofensivo e defensivo, poderes políticos, Estados, etc.), sua história. Portanto, ela muda quando muda a sociedade no seu conjunto. Entretanto, as transformações da cidade não são os resultados passivos, da globalidade social, de suas modificações. A cidade depende também e não menos essencialmente das relações de imediatez, das relações diretas entre as pessoas e grupos que compõem a sociedade (famílias, corpos organizados, profissões e corporações, etc.).

A cidade de Manaus, capital do Amazonas, teve que lidar com o dilema alimentado por seus governantes, ou seja, o da modernidade. Desde a denominada “Amazônia colonial”, a cidade vivencia inúmeras transformações de ordem econômica, política e cultural sob forte influência dos ciclos migratórios de grupos e indivíduos em busca de “uma vida melhor”.

Na década de 1960, o Estado brasileiro, objetivando uma presença mais efetiva na Amazônia, criou a Zona Franca de Manaus (ZFM), sob a égide desenvolvimentista do regime militar, com a justificativa de ocupar e proteger a região e de criar condições para o estabelecimento de aspectos contemporâneos presentes na relação “capital e trabalho” existente na região. Segundo Seráfico e Seráfico (2005), esses se-

riam alguns dos objetivos centrais da denominada “Operação Amazônia”, uma estratégia que compatibilizou o discurso nacionalista do militarismo com as reivindicações acerca do desenvolvimento regional da região mediante o processo de transnacionalização do capital, conforme Ianni (1979).

O projeto Zona Franca de Manaus possibilitou que governos estaduais e prefeituras obtivessem recursos financeiros de âmbito federal, oportunizando a eles projetar e implementar mudanças, dando outra configuração para a capital Manaus e para os municípios do interior, sendo as migrações decorrentes da Zona Franca de Manaus um dos fenômenos de maior impacto e alcance sobre as diversas populações do Amazonas.

Manaus, uma cidade encravada no meio da maior floresta tropical do planeta, tornou-se uma espécie de cidade-estado, pois concentra a maior parte da população e da economia do Amazonas, e possuía em 1967, ano da instalação da Zona Franca de Manaus, uma população estimada em 175.343 habitantes. O êxodo em massa impulsionado pela ZFM fez a capital saltar, em 1980, para 642.492 habitantes, e em 2021 se estima que tivesse em média 2.219.580 habitantes, de acordo com o IBGE [2021].

Em décadas anteriores, Manaus projetava-se como uma cidade provinciana onde as lembranças da denominada *Belle Époque* (de 1890 a 1920) e do *glamour* da riqueza gerada pelo primeiro ciclo econômico da borracha eram constantes, apesar de sua população ser, majoritariamente, portadora de traços indígenas, além de haver forte relação cultural entre o urbano e a floresta. A economia era basicamente constituída por indústria e comércio incipientes e pelo extrativismo.

A instalação da ZFM – com seu parque industrial internacional, seu distrito agropecuário e seu centro comercial somados ao êxodo rural e à migração nacional e internacional – interferiu e alterou as características anteriores da cidade. No mesmo sentido, ressalta-se a dinâmica impulsionada pela isenção de impostos da zona de livre comércio da ZFM e a massiva produção ou importação de bens de consumo. Desse modo, bens que anteriormente só eram consumidos pela classe média alta passam a ser consumidos também pela classe trabalhadora, principalmente vestuários, alimentos e eletroeletrônicos de última geração fabricados em grandes centros da Europa, da América do Norte e da Ásia, que modificaram profundamente os hábitos e o cotidiano dos seus habitantes.

De fato, a cidade que, em décadas anteriores, possuía uma população com for-

te ligação com seus bairros, suas ruas, seus becos e suas palafitas vai aos poucos assimilando hábitos de consumo. Na perspectiva de existência de uma cultura de massa, no sentido de Adorno e Horkheimer (1985), passa a assimilar comportamentos de consumo similares aos de outras cidades com grandes centros industriais e/ou comerciais. Paralelamente, percebem-se os aspectos dinâmicos em termos de protagonismo da cultura popular, ressaltando-se as intensas atividades folclóricas, como as danças tradicionais, entre elas as cirandas, as tribos, as pastorinhas e os bois-bumbás de rua (MONTEIRO, 1962, 2010), ao mesmo tempo que, conforme Bonates e Cruz (2020), ocorrem o declínio dos resquícios da “capoeira sem berimbau” e o estabelecimento da “capoeira com berimbau” a partir do ano de 1972.

Em certo sentido, identifica-se em Manaus e nas cidades do interior do Amazonas um paralelo entre as proposições teóricas que percebem a cultura pelo consumo das produções de massa (ADORNO; HORKHEIMER, 1985) e o protagonismo de uma ação comunicativa (HABERMAS, 1989), por meio do fortalecimento da cultura popular, que estabelece o diálogo entre indivíduos e grupos de forma a suprir vazios não preenchidos pela perspectiva do modelo de “cultura de consumo”.

A “capoeira com berimbau” em Manaus

Na década de 1960, a “capoeira com berimbau” se expande com relativa intensidade pelo Brasil, mediante a atuação de mestres e professores de capoeira que migram da região Nordeste, principalmente do estado da Bahia, para os grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo – tema discutido por Granada (2015, 2020), que em seus estudos sobre a capoeira revela os fatores de sua disseminação no Brasil entre os anos de 1970 e 1990. No âmbito da internacionalização da capoeira, Assunção (2005) enfatiza em suas pesquisas a expansão da capoeira para países da Europa e dos EUA, destacando o papel dos mestres e capoeiristas em suas primeiras inserções nesses territórios.

Em 1969, a Fundação de Cultura do Amazonas traz a Manaus, para apresentações de capoeira no Teatro Amazonas, o famoso capoeirista e lutador de vale-tudo: o baiano Waldemar Santana, ou Leopardo Negro (também conhecido como Pantera Negra), com sua companhia formada pelos capoeiristas Pombo de Ouro, Tarzan (Sansão), Bando e Berimbau. Em 1972, Waldemar Santana retorna a Manaus, onde passa uma temporada de três meses. Ele realiza apresentações de capoeira na

sede do Nacional Fast Clube e em excursões turísticas, ministra aulas de vale-tudo na sede do Atlético Rio Negro e participa de algumas lutas.

Bonates (2011) afirma que o ano de 1972 é um divisor na história da capoeira no Amazonas. Justifica tal afirmação informando que, no início do segundo semestre de 1972, induzido pelo fluxo migratório causado pela Zona Franca de Manaus, o jovem goiano, aventureiro e capoeirista Julival do Espírito Santo, o Mestre Gato de Silvestre,³ desembarca em terras manauaras e introduz de forma definitiva a capoeira comandada pelo berimbau.

Inicialmente, Mestre Gato de Silvestre cria provisoriamente um nome para seu trabalho, intitulando-o de Grupo de Capoeira Zumbi dos Palmares (GCZP), que se torna o primeiro núcleo de ensino de “capoeira com berimbau” no Amazonas, tendo como local de treinamento a sede do Grêmio Náutico Portugal, situada na região central de Manaus, na confluência do início da Avenida Sete de Setembro com a Rua Visconde de Mauá. O Clube Náutico Portugal era presidido pelo senhor José Brás Ferreira, o professor Brás, conhecido lutador de luta-livre, boxe e outras artes marciais, que mantinha, além da prática do remo, uma academia de lutas.

O filho do professor Brás, Édson Colyer Brás da Silva, o “Spartacus” (12/7/1951-11/11/1977), lutador de vale-tudo e *catch-as-catch-can*, levou o Mestre Gato de Silvestre para ministrar aulas de capoeira no Náutico Portugal, tornando-se o seu primeiro aluno em Manaus. Logo depois, se matricularam Américo Omena, Fernando Lopes (delegado de polícia), os irmãos Marcos, Maurício e Almir Dantas, o lutador Carrasco Cearense, Magriça, Paulinho, Marcolino Salgado, Fernando Lemos de Almeida, Newton Ferreira Filho, os irmãos Wallace e José Wilson Cavalcante, entre outros.

No final de 1972, a sede do Náutico Portugal foi desocupada e demolida para dar lugar à construção do prédio que hoje abriga a sede da Companhia Energética do Amazonas (CEAM). Em janeiro de 1973, Mestre Gato de Silvestre então transferiu suas aulas de capoeira para a Rua Barroso, 267, situada na área comercial da Zona

³ Mestre Gato de Silvestre viveu sua pré-adolescência em Goiânia, onde aprendeu capoeira regional. Depois de excursionar por várias cidades brasileiras, passou a treinar na Associação de Capoeira Vera Cruz, na capital São Paulo, com o baiano Silvestre Vitorio Ferreira, o Mestre Silvestre, que em Salvador (BA), na década de 1960, era conhecido como Ferreirinha. Mestre Silvestre aprendeu capoeira, na segunda metade da década de 1950, com os Mestres Waldemar da Liberdade e Caiçara, e era frequentador do Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA). Foi um dos componentes do grupo que Mestre Caiçara levou para São Paulo para gravar o LP Academia de Capoeira de Angola São Jorge dos Irmãos Unidos do Mestre Caiçara.

Franca de Manaus, ocupando um antigo e decadente prédio ao lado da Casa do Estudante do Amazonas. Esse prédio – que na *Belle Époque* foi inicialmente o Palacete dos Epaminondas, depois sede do Atlético Rio Negro Clube e, por fim, sede da União dos Estudantes Secundaristas do Amazonas (UESA) –, no ano de 1980, é demolido para dar espaço a um estacionamento de veículos.

O primeiro andar do prédio era um imenso salão, com um assoalho feito de madeiras nobres, sucupiras preta e amarela intercaladas entre si, que foi ocupado pelo Mestre Gato de Silvestre, onde ele instalou o grupo Zumbi dos Palmares. Nos fundos desse salão, separado por uma divisória de compensado, funcionava um espaço cedido ao professor Brás para aulas de ginástica modelar. No segundo andar funcionava o Curso Dinâmico, de propriedade de Nestor José Soeiro do Nascimento, reconhecida liderança política afrodescendente do Amazonas e fundador do Movimento Alma Negra (MOAN), que muito colaborou para a afirmação, o reconhecimento e o crescimento da capoeiragem amazonense.

No dia 2 de fevereiro de 1973, Mestre Gato de Silvestre inaugura festivamente, no antigo Palacete dos Epaminondas, a primeira Academia de Capoeira do Amazonas, a Zumbi dos Palmares.⁴ No espaço dessa academia, o alagoano Edgar Francisco da Chaga (Mestre Chaguinha) e os amazonenses Luiz Carlos de Matos Bonates (Mestre KK Bonates) e Ivanildo da Silva Corrêa (professor Baixinho Chiburita) deram continuidade aos seus treinamentos de capoeiragem e iniciaram-se na “capoeira com berimbau” com o Mestre Gato de Silvestre.

Em Manaus, Mestre Gato de Silvestre ensinava uma vertente de capoeira desenvolvida no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, no final dos anos 1960 e no início dos anos 1970, que não mantinha uma diferenciação rígida entre os dois estilos baianos, a regional e a angola, embora abrangesse a técnica e os elementos da ritualística desses estilos. É nesse ambiente de uma cidade de modernidade tardia que a capoeira ensinada por Mestre Gato de Silvestre na Academia Zumbi dos Palmares estabelece pelo menos dois pontos de oposição à política governamental instituída pelos militares no período da instalação da ZFM:

⁴ A Academia de Capoeira Zumbi dos Palmares teve vários núcleos nas décadas de 1970 e 1980. Eis a localização de alguns desses núcleos: Centro Social Urbano (CSU) do Parque 10 de Novembro; CSU do Conjunto Ajuricaba; Clube Princesa Isabel (Rua Dr. Almínio, 185 – Centro); Sede do Clube Oriente (Avenida Compensa – bairro da Compensa); Rua da Igreja (bairro São Geraldo); Edifício Antônio Simões (Avenida Sete de Setembro, 1260, 12o andar, sala 1210); Rua 24 de Maio, 571; e Rua Xavier de Mendonça, bairro Aparecida.

1º) Os livros didáticos de história do Brasil, no ensino básico da década de 1970, eram pautados pela história oficial, e esta apregoava uma ideologia de que o Brasil era “o paraíso da igualdade racial”. Mestre Gato de Silvestre, ao colocar uma grande placa com os dizeres “Academia de Capoeira Zumbi dos Palmares” na fachada do prédio do antigo Palacete dos Epaminondas, situado no centro comercial de Manaus, despertava no mínimo curiosidade pelo seu ineditismo, pois o nome “Zumbi dos Palmares”, um herói negro relegado a um papel secundário na história oficial da época, era majoritariamente desconhecido pela sociedade amazonense. Simbolicamente, a placa anunciava e afirmava que ali era um reduto assumidamente de cultura afrobrasileira – aliás, o único no centro comercial de Manaus, uma cidade que estava voltando a ser cosmopolita.

Complementarmente, Mestre Gato de Silvestre convidava personalidades negras, como Nestor José Soeiro do Nascimento, para palestrar sobre temáticas propostas pelos movimentos de negritude sobre a escravidão e as condições pós-coloniais do negro no Brasil, e, à medida que se empoderava com a cultura amazonense, Mestre Gato de Silvestre também se tornava um militante da causa indígena e da preservação da Amazônia.

Em certo sentido, esse procedimento estabelecido por Mestre Gato de Silvestre em sua academia, além de divulgar a capoeira como cultura, arte e luta, criava para seus frequentadores e para o entorno um contraponto às “verdades” definidas pela classe dominante e propiciava um ambiente para reflexões, questionamentos e posicionamentos políticos sobre temas históricos e/ou ambientalistas, sobre o preconceito e a invisibilidade do negro e do indígena na Amazônia e, por conseguinte, sobre as identidades amazônicas.

2º) O curso de capoeira ministrado pelo Mestre Gato de Silvestre era um programa iniciático do universo cultural da capoeira baiana e fundamentado nas convergências e divergências existentes entre os estilos angola e regional, assim como nas interfaces de outras manifestações populares – como samba de roda, samba duro, maculelê, puxada de rede, afoxé, coco de roda e religiões de matrizes africanas e indígenas.

A implementação e a prática desse programa, perpetuado até hoje por alguns poucos mestres de sua linhagem, propiciavam, e ainda propiciam, rupturas e desconstruções no preconceito estrutural estabelecido pela colonização eurocentrada à medida que os praticantes vivenciam e se empoderam com essas interfaces. Com a vivência

dessas expressões culturais no cotidiano da Academia de Capoeira Zumbi dos Palmares, categorias como ancestralidade, musicalidade, tribalismo, religiosidade, oralidade, circularidade e corporalidade foram reconhecidas, ensinadas, afirmadas, divulgadas e/ou ressignificadas a partir daquele pequeno espaço do “mundo da capoeira”.

Em 1975, tendo como núcleo gerador a Academia de Capoeira Zumbi dos Palmares, foram criados vários grupos, associações e núcleos de capoeira em Manaus. Primeiramente pelos alunos Chaguinha, KK Bonates e Ivanildo Baixinho, que contribuíram com o Mestre Gato de Silvestre, tanto de forma individual quanto coletiva, para a expansão de um modelo baiano de capoeira reconfigurado no Sudeste, introduzido pelo mestre. Com o passar dos anos, o referido modelo de capoeira dividiu-se em dois grandes segmentos, denominados pela comunidade local de segmento contemporâneo e segmento tradicional, os quais detalharemos mais adiante.

Houve a abertura de novos espaços de ensino de capoeira em Manaus e no interior do estado a partir da segunda metade da década de 1970 e na primeira metade da década de 1980. Esses espaços ocuparam diversos tipos de comunidades, praças, terreiros, adros de igrejas, feiras, quintais, terrenos baldios, balneários, esquinas, clubes, escolas e colégios municipais, estaduais e federais, universidades, liceus, academias de artes marciais, quadras poliesportivas, grêmios recreativos, entre tantos outros. Foram acompanhados de rodas de rua – amigáveis ou não, realizadas tanto em pontos estratégicos como em “fundos de quintais” –, de apresentações em clubes e em desfiles carnavalescos e cívicos e da realização dos primeiros torneios de capoeira no Amazonas. Essas foram as principais atividades que contribuíram para a expansão e para a visibilidade da capoeira em Manaus e em diversos municípios do estado do Amazonas.

Registra-se aqui que os primeiros grupos foram sementes advindas da pioneira Zumbi dos Palmares (período de 1975 a 1979), listados pela ordem de fundação: “Unidos de Nagô”, fundado por Chaguinha e Baixinho; “Oxumaré” (de curtíssima vida), fundado por Chaguinha e KK Bonates; “Bantus de Angola”, fundado por Chaguinha, Washington Maguila, Roberto Banana e Marcos Dentinho; “Alma Negra”, fundado por KK Bonates.

A partir de 1980, uma segunda geração de difusores – alunos da primeira geração e capoeiras vindos de outros estados – deu continuidade ao processo de propagação do ensino da capoeira no Amazonas, tanto na capital quanto no interior, e,

entre 1990 e 2000, nacional e internacionalmente. Esse processo se deu de forma desordenada e sem critérios comunitariamente estabelecidos, resultando, em muito, na perda ou no distanciamento da proposta pedagógica inicial de capoeira ensinada por Mestre Gato de Silvestre.

Pelo exposto, a cultura da capoeira baiana no Amazonas gradualmente se expandiu e foi desvelada, compreendida e principalmente interpretada de forma diversificada ao longo das sucessivas gerações de capoeiristas, o que resultou na formação dos dois grandes segmentos citados anteriormente: o contemporâneo e o tradicional.

O primeiro, o contemporâneo, não estabelece fortes vínculos ou não busca conhecer com profundidade a capoeira ancestral dos negros baianos, e sim dar continuidade ao acelerado processo de modificação das matrizes baianas, principalmente nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Essas modificações são estimuladas por diversos fatores, tais como: a necessidade de adequação ao mercado de bens e serviços, a esportização da capoeira, a apropriação da capoeira por neopentecostais, entre outros. Esse segmento, que contém o maior número de adeptos, é responsável pela grande disseminação da capoeira no Amazonas.

O segundo segmento, o tradicional, apesar de ter raízes e influências estabelecidas com a proposta programática e pedagógica de Mestre Gato de Silvestre, busca aprofundar o conhecimento e estabelecer fortes vínculos com o processo de construção da capoeira encabeçado pelos negros baianos, a “capoeira com berimbau”. A partir disso, procura situar-se historicamente e contextualizar-se dentro da dinâmica de mudanças ocorrentes no “complexo cultural capoeira” e dar continuidade ao processo de disseminação das capoeiras angola e regional, embora encontre dificuldades para tal mister, a saber: o preconceito estrutural em relação aos rituais ligados à cultura afro-brasileira, a desconsideração da marcialidade desse segmento, a desvalorização da afro-brasilidade em favorecimento do aspecto esportivo, entre outros. O segmento tradicional é minoritário na capoeiragem amazonense.

Tanto o segmento tradicional quanto o contemporâneo possuem dinâmicas próprias de interações entre si ou com instituições estatais ou privadas, acentuadas por necessidades intrínsecas ou extrínsecas a cada um dos segmentos, estando estes em permanente processo de negociação e conflito. Esse processo dinâmico e contraditório resulta num jogo de interesses que, dependendo da abrangência,

pode estabelecer aos segmentos bandeiras de luta em comum (e.g., capoeiródromo, capoeira nas escolas, editais de fomento específicos para capoeira), antagônicas (e.g., sistemas e critérios de graduações, vestuários, organizações profissionais de classe, apoio ou não a correntes políticas e religiosas) ou específicas (e.g., conquistar um maior número de adeptos para seu grupo, escola ou associação).

O produto social resultante das dinâmicas entre os segmentos fez com que a “capoeira com berimbau” no Amazonas interagisse de tal forma com a sociedade e com instituições públicas e privadas que, ao longo desses 49 anos de implantação, se espalhou por quase todos os bairros de Manaus e por vários municípios do Amazonas,⁵ assim como nacional⁶ e internacionalmente.⁷

Nesse sentido, as variadas formas de expressão da cultura da capoeira – como rodas de rua, apresentações, oficinas, seminários, cursos, palestras, encontros, festivais, competições, vivências, batizados, campeonatos, vendas de produtos, entre tantas outras – são realizadas em diversos locais, atendendo a diferentes demandas, destacando-se: recepções de autoridades, congressos, escolas, hospitais, universidades e atividades turísticas, entre outras do mesmo âmbito. Dessa maneira, passaram a fazer parte dos cenários e do cotidiano das cidades amazonenses. Nas mídias, o seu espaço é direcionado para as áreas do esporte, da cultura, do lazer, da educação, do turismo e da ação social, entre outras (Tabela 1 e Gráfico 1). Ademais, a capoeira também está inserida no meio artístico-cultural, tanto como fonte de inspiração quanto fazendo parte de algum contexto das artes cênicas ou visuais, das novas mídias, das artes plásticas e das literárias. Entretanto, a sua maior contribuição está nos projetos de inclusão social, assistindo crianças, jovens, adultos e idosos.

Ao longo desse processo, os capoeiristas se politizaram e criaram organizações classistas para cuidar de seus interesses nas áreas esportiva e cultural. A prática do ensino, as apresentações, a fabricação de instrumentos e a confecção de roupas etc.

⁵ Municípios do Amazonas: Amaturá, Barcelos, Benjamin Constant, Careiro, Coari, Envira, Fonte Boa, Iranduba, Itacoatiara, Manacapuru, Manaquiri, Maués, Nova Olinda do Norte, Novo Airão, Parintins, Rio Preto da Eva, Santo Antônio do Itá, São Gabriel da Cachoeira, São Paulo de Olivença, Tabatinga, Tabocal, Tefé e Tonantins. Também atinge as regiões do Alto Solimões e Alto Rio Negro (dados coletados em 2018).

⁶ Difusão nacional: a capoeiragem amazonense já esteve presente em todos os estados brasileiros, destacando-se Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Distrito Federal, Ceará, Roraima, Rondônia, Pará e Acre (dados coletados em 2018).

⁷ Difusão internacional: África do Sul, Alemanha, Austrália, Bélgica, Bolívia, Cabo Verde, Canadá, China, Coreia do Sul, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Guiana Francesa, Holanda, Israel, Inglaterra, Islândia, Itália, Jamaica, Japão, Jordânia, Moçambique, Noruega, Paraguai, Peru, Polônia, Portugal, República Dominicana, Rússia, Suíça, Tailândia e Venezuela (dados coletados em 2018).

criaram pequenas cadeias produtivas, com geração de emprego e renda, e algumas pessoas têm a capoeira como única via de sustento. Essa diversificação de atividades fez com que o praticante da capoeira fosse reconhecido ou se reconhecesse de forma múltipla, sendo ao mesmo tempo capoeirista, artista, jogador, lutador, desportista, músico, empresário, produtor, atleta, dançarino, entre outros.

1 Ação Social	12 Educação Ambiental	23 Indígenas	34 Política Partidária
2 Antropologia	13 Educação Física	24 Joalheria	35 Política Pública
3 Arte	14 Empreendedorismo	25 Lazer	36 Política Afirmativa
4 Cidadania	15 Esporte	26 Literatura	37 Psicologia
5 Cinema	16 Etnobiologia	27 Lutas marciais	38 Psiquiatria
6 Crime	17 Etnobotânica	28 Marketing	39 Sociobiodiversidade
7 Cultura	18 Feminismo	29 Musicologia	40 Sociologia
8 Cultura Popular	19 Festas Populares	30 Negritude	41 Redes Digitais
9 Dança	20 Filatelia	31 Pacifismo	42 Teatro
10 Ecologia	21 Folclore	32 Patrimônio	43 Turismo
11 Educação	22 Historiografia	33 Poesia	44 Zoologia

Tabela 1 – *Categorias sociais, artísticas e científicas relacionadas com a capoeiragem, elencadas em jornais do Amazonas no período de 1969 a 2018.*

Fonte: Adaptado de Bonates (2018).

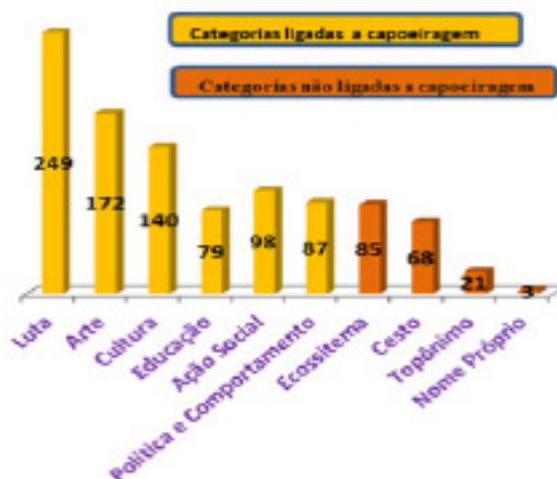


Gráfico 1. *Número de notícias diretamente relacionadas com a palavra “capoeira” entre 1850 e 1999. As notícias estão separadas em dez categorias, sendo seis ligadas à capoeiragem e quatro ligadas a outros significados da palavra “capoeira”. Total de jornais amazonenses consultados = 27; total de jornais com notícias contendo a palavra “capoeira” = 25; total de notícias = 1002; categorias analisadas = 10.*

Fonte: Bonates (2018).

A presença e o estabelecimento de moradia em Manaus dos mestres baianos Vermelho Boxel (Cecílio de Jesus Calheiros) – que propagou sua experiência na capoeira de rua e na capoeira regional – e Miguel Preto (Miguel Machado) – que atuou tanto na capoeira angola (linhagem de João Pequeno) quanto na capoeira

regional – foram de grande valia para fixar as tradições e os fundamentos do segmento da capoeira tradicional baiana.

Vermelho Boxel nasceu em 15 de maio de 1949, em Maragogipe (Recôncavo Baiano). Foi figura de destaque nas rodas de capoeira de rua de Salvador nas décadas de 1970 e 1980. Capoeira autodidata, escolheu como suas referências os capoeiristas Pierrot, Grande, Lustroso, João Grande e os irmãos Coringa e Curingão. Na segunda metade de 1983, Mestre Vermelho chega a Manaus, estabelecendo-se nessa cidade, onde faleceu em 30 de dezembro de 2009.

Já Mestre Miguel Preto nasceu em Ipiaú (BA), em 29 de setembro de 1948. Em 1964, aos 16 anos, se iniciou na capoeira com o Mestre Antônio Rodrigues em Itabuna (BA), e tornou-se um dos seus professores em 1965. Mestre Miguel aprofundou seus conhecimentos de capoeira através da convivência e/ou do treinamento com alguns mestres da velha guarda baiana, a saber: Augusto de São Pedro (discípulo de Mestre Bimba), Gato Preto (aluno de Lúcio Góes, Catarino Góes, Cobrinha Verde, Waldemar da Liberdade e Leo e Paulo de Santo Amaro), Canjiquinha (pupilo de Aber-rê), Waldemar da Liberdade (aluno de Talabí, Ricardo de Ilha de Maré, Neco Canário-Pardo e Siri de Mangue) e João Pequeno de Pastinha (aluno de Barbosa e Pastinha). Na capital São Paulo, na década de 1970, passou uma temporada nas academias de capoeira Fonte do Gravatá e Cordão de Ouro. Foi um dos fundadores do grupo Cati-veiro Capoeira, sendo hoje seu mestre-presidente.

Independentemente de rótulos identitários que se queira dar aos Mestres Vermelho e Miguel Preto (angoleiro, regional, de raiz ou não, ou de rua), a importância maior desses dois para a capoeiragem no Amazonas foi a profícua convivência com os capoeiristas do estado, pois inegavelmente ambos trouxeram como bagagem uma larga e aguerrida vivência na capoeira baiana, deixando em terras manauaras um grande legado capoeirístico que será sempre lembrado nas futuras gerações.

Nesses 49 anos de existência da “capoeira com berimbau” no Amazonas, é possível apontar como produto cultural e social: 81 mestres radicados no Amazonas, 90 aparelhos difusores da capoeira (academias, associações, escolas e grupos), relações com mais de 40 categorias sociais, artísticas e científicas e com mais de 100 instituições públicas e privadas. Registra-se a presença de alguns mestres de capoeira não radicados no Amazonas, baianos ou não, que aqui deixaram sua contribuição para o enriquecimento cultural da capoeiragem no Amazonas, tanto para o segmento contemporâneo quanto para o segmento tradicional:

a) Segmento contemporâneo: Gato da Senzala, Juanito Baiano, Profeta, De Menor, Jelon, Camiseta, Nagô, Carioca, Rodolfo, Almir das Areias, Marcos Alabama, Squisito, Índio, Albino, Suassuna, Romão, Mão Branca, Beto “Boneco” Simas, Barrão, Kall, Niltinho, Escorpião, Huck, Cuité, Negro Ativo, Luiz, Tiroteio, Sabará, Cobrinha, Porrada, Nem, Museu, Beija-Flor, Aranha, Macula, entre outros.

b) Segmento tradicional: Silvestre Ferreirinha, João Pequeno, Augusto Demolidor, Boca Rica, Lua de Bobó, Moa do Katendê, Nhô Plínio Garoa, Zequinha de Piracicaba, Dinelson, Djop Corta Capim, Jogo de Dentro, Cobrinha Mansa, Valmir, Jurandir, Renê Bitencourt, Decânio, Vermelho 27, Vermelho Boxel, Miguel Preto, Nenel Machado, Preguiça da Filhos de Bimba, Hélio Xaréu, Boinha Boaventura, Pombo de Ouro, Itapoan, Onça Negra, Deputado, Saci de Bimba, entre outros.

Araújo (2016) conceitua a capoeira como um campo de conhecimento próprio, multirreferenciado, polissêmico, intercultural e polilógico, o que dificulta muito o entendimento do imbricado de relações que acontecem no ritual de uma roda de capoeira, de relações entre entidades organizativas e de relações interpessoais dos capoeiristas. Essas relações são majoritariamente balizadas por hierarquias existentes na cultura da capoeiragem e estruturadas pela oralidade, pelo tempo de vivência de capoeira e pelo *status* capoeirístico.

Embora as relações interpessoais dos capoeiras, assim como as das suas organizações representativas e organizativas, sejam complicadas e contraditórias, no Amazonas a capoeiragem dialogou e ainda dialoga com diversos setores da sociedade, sejam estes entes governamentais das esferas federal, estadual e municipal, sejam de organizações da esfera civil artísticas, culturais, esportivas, científicas e religiosas, tanto nacionais como internacionais. Isso demonstra que a escolha de uma boa estratégia de diálogo, somada à rica diversidade de atuação e às opções que a cultura da capoeira proporciona, na maioria das vezes resulta em êxito nas negociações com o poder constituído, apesar da histórica e institucional invisibilização pelos aparelhos ideológicos de Estado. Mesmo assim, apesar dos percalços, a capoeiragem no Amazonas, à luz de dados históricos, se firmou como parcela constituinte, comprovada e inegável da cultura amazonense há pelo menos 122 anos.

Abib (2005) comenta que as vivências, as formas de organização e as visões de mundo das culturas populares são, em grande parte, oriundas das camadas da população diretamente envolvidas com um universo em que as tradições, a ritualidade, a simbologia e a ancestralidade são as referências mais importantes.

As transformações ocorridas na sociedade brasileira nas décadas de 1970 e 1980 foram acompanhadas por um desenvolvimento muito grande do capitalismo e pela reestruturação das relações políticas, sociais e econômicas, favorecendo o surgimento de uma indústria cultural com uma capacidade cada vez mais ampliada de impor modelos de consumo. Temos que a indústria cultural das décadas de 1970 e 1980 criou uma rede ampla de comunicação em que o potencial crítico da cultura popular foi neutralizado e mobilizado para os quadros de massificação, que, numa era de capitalismo monopolista em área periférica, possui o papel de elemento desintegrador e nivelador das variadas formas de produção cultural, realizando essa tarefa, paradoxalmente, em nome da cultura nacional.

Somado ao exposto, os mais conhecidos baluartes das capoeiras angola e regional e suas principais referências, os Mestres Bimba e Pastinha, se encontravam com a idade avançada e passando por sérias dificuldades econômicas e de saúde. Esses baluartes também se defrontaram com a expansão desordenada da capoeira, que, ao mesmo tempo que louvava os nomes, a sabedoria e as obras dos mestres construtores da capoeira baiana, minava suas lideranças, diminuía seus espaços de fala e seu controle sobre os rumos da capoeira.

A forte expansão da “capoeira com berimbau” por todo o Brasil nas décadas de 1970, 1980 e 1990 resultou num significativo aumento do número de praticantes – entre estes, uma forte adesão de segmentos sociais diferentes daqueles que originaram a capoeira baiana. Esse novo público é proveniente de camadas sociais com maior escolaridade e com maior poder de consumo, sedento por novidades e habituado à ideia de obtenção da informação por via rápida e dessacralizadora. Por outro lado, esses segmentos que dessacralizaram a capoeira negra e baiana, paradoxalmente, são obrigados, ao praticar a capoeiragem, a conviver com a subjetividade dos fundamentos desse “universo negro”. Essa convivência pode gerar ao praticante situações e/ou reflexões de oposição à lógica racionalista da sociedade ocidental, mesmo que essa subjetividade esteja diluída ou dispersa nesses novos nichos de vivência da capoeiragem.

Considerações finais

O processo mundial de expansão da capoeira transformou muito o formato, a prática e o alcance da capoeiragem, ampliando seu leque de abrangência e de influência, aspectos que passam a ser discutidos em diversas áreas e categorias.

No entanto, em tempos de aceleradas transformações que ocorrem paralelamente aos tempos de recuperação da memória, de patrimonialização e de salvaguarda da cultura popular, é bom lembrar que é fato recorrente a informação de que a presença negra teve pouca influência na formação cultural da Amazônia e de que no Amazonas essa influência é praticamente nula.

Nos últimos 30 anos, os estudos na área de Ciências Humanas sobre a presença negra na Amazônia ganharam mais densidade, tanto pelo reconhecimento da importância desse tema quanto pela democratização do acesso de estudantes negros e negras a cursos de graduação, pós-graduação, instituições e núcleos de pesquisa, fatos que colaboram para a retirada desse manto de invisibilidade dado ao negro e à cultura afro-brasileira na construção do que chamamos de Amazônia. Desse processo, destacamos a criação do Grupo de Pesquisa em História Indígena e da Escravidão Africana (HINDIA), cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) desde 2000, e o lançamento do livro *O fim do silêncio: presença negra na Amazônia*, organizado pela historiadora Dra. Patrícia Melo Sampaio em 2011.

O Amazonas e sua capital, Manaus, têm presenciado e vivenciado ao longo dos anos inúmeras transformações de ordem econômica, política e cultural, principalmente com a constante migração de pessoas atraídas pelos ciclos econômicos. Esse fenômeno sempre gerou novas configurações socioculturais no estado e na capital, que passam a ser percebidos como espaços objetivos de sobrevivência, espaços que abrigam a heterogeneidade, o diverso, os encontros e os desencontros, o espetáculo, a moradia e a capoeira. Foi essa percepção de cidade que fez Mestre Gato de Silvestre (goiano) e Mestre Chaguinha (alagoano) e tantos outros migrantes e imigrantes se estabelecerem em Manaus e em outras cidades do Amazonas.

No decorrer da longa história de formação da sociedade e da cultura amazonenses, a capoeira se fez presente a partir da sua luta por espaço. Nunca foi e ainda não é fácil, mas os dignos representantes dessa arte fizeram com que a capoeira também se tornasse parte da formação social do Amazonas. De alguma maneira, os capoeiristas estiveram presentes nos acontecimentos históricos do Amazonas como trabalhadores, artistas, desempregados e subempregados, se revezando em atividades laborais e na luta para manter a capoeira viva no estado.

Esses capoeiristas são pessoas aparentemente anônimas, sem os refletores e as enquetes da mídia local. Raramente são entrevistados ou chamados para

colaborar com sua experiência em termos de cultura e educação. No entanto, desempenham um trabalho com crianças, jovens e adultos nos bairros, nas periferias, em escolas, quadras, praças, realizando suas rodas, unindo espectadores e admiradores da capoeira.

Em seus primórdios no Amazonas, a “capoeira com berimbau” foi mais entendida e vista como um esporte ou uma luta marcial do que como cultura. Com o passar dos anos, integra cada vez mais, embora a passos de tartaruga, a visão de ser uma cultura afro-brasileira, historicamente ligada à formação do Brasil, e uma forte ferramenta educacional e de ação social. Soma-se a isso o fato de que, em seu processo de globalização, a capoeira se sobressai pela sua capacidade educacional e formativa, independentemente de sua abordagem técnica. Esses fatos comprovam seu potencial, e por isso a prática deve ser inserida na rede pública de ensino, seguindo o exemplo de algumas escolas da rede privada de Manaus.

A capoeiragem no Amazonas, principalmente em Manaus, atendeu e difundiu-se em todas as classes sociais e faixas etárias e possui representantes nacionais e internacionais. Conta com publicações acadêmicas, produção material em diversos tipos de mídias, representações de classe, e hoje é considerada patrimônio imaterial do Amazonas e patrimônio imaterial do município de Manaus.

Apesar de ter ocupado um significativo e relevante espaço social e cultural no estado do Amazonas, existe um manto de invisibilidade sobre a capoeiragem, originado do preconceito estrutural tanto social quanto estatal, que impede a real efetivação de políticas públicas elaboradas com a participação de capoeiristas para que a capoeira possa desenvolver socialmente suas potencialidades como complexo cultural.

O rio e o estado do Amazonas são grandes e desafiadores. É admirável, em certa medida, que a capoeira e os capoeiristas, superando desafios sociais, econômicos, culturais e políticos, estejam sempre em luta para se manterem vivos e operantes para as atuais e novas gerações. É admirável como a arte e a cultura da capoeira, com sua grandeza, a mantêm presente em nossos dias.

A capoeira encontra-se estabelecida no Amazonas, conforme bibliografia e documentação comprobatória, há 122 anos, sendo 73 anos de “capoeira sem berimbau” e 49 anos de “capoeira com berimbau”, mas não faltam evidências anteriores a esses 122 anos; portanto, esse intervalo de tempo pode ser aumentado. Pelo que foi contextualizado, deve-se considerar que a capoeira é parte constituinte da cultura

amazonense, principalmente da manauara, fato comprovado por sua continuidade histórica, embora sua presença inicial tenha sido invisibilizada por gerações de historiadores da *Belle Époque* amazonense.

A grande rede de contatos institucionais e de atividades voltadas para ações sociais e culturais que a capoeiragem amazonense produziu a partir de 1972 na capital e no interior, assim como em âmbito nacional e internacional, demonstra o potencial de realização dos capoeiristas como fazedores de cultura popular. Essas ações sociais comprovam que a capoeira é tão importante para a cultura e a sociedade amazonenses como os belos prédios de padrões artísticos e urbanísticos internacionais ou nacionais. A sociedade cobra maiores investimentos nas atividades socioculturais que modelam o caráter e que são formadoras de cidadania. Na abordagem esportiva, a capoeiragem do Amazonas a cada ano vem se organizando em busca de excelência, principalmente pelo contínuo trabalho da Federação Amazonense de Capoeira ao longo de vários anos de dificultosa labuta causada pela constante falta de apoio.

Mesmo com as dificuldades inerentes ao processo, a capoeira, como esporte no Amazonas, conseguiu um saldo positivo conquistando, em campeonatos nacionais, um bicampeonato, duas medalhas de prata, três de bronze e uma revelação de melhor atleta. No âmbito das artes marciais mistas, temos campeões nacionais e mundiais, como José Aldo Júnior, o Campeão do Povo.

A capoeira faz parte da formação cultural do Brasil. Elemento essencial na formação da nossa identidade, ela merece estar não apenas no campo prático, mas também no simbólico, por meio do registro de suas histórias, matizes e nuances, contribuindo de forma abrangente para a construção de um acervo material em relação a esse que é um patrimônio imaterial da humanidade. Somem-se a isso outras iniciativas que resgatam a nossa autoestima, enquanto povo multicultural cuja identidade é ímpar e repleta de significados que, aos poucos, começam a ser estudados, decodificados e organizados. Longa vida à capoeira, arte que se renova de forma surpreendente e se confunde com a nossa batalha em prol da defesa de nossos direitos e da nossa identidade (GUERREIRO, 2015).

Referências bibliográficas

ABIB, Pedro Rodolfo Jungers. *Capoeira angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda*. Campinas: CMU/Unicamp; Salvador: EDUFBA, 2005.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *A dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ARAÚJO, Rosângela Costa. "Elas gingam". In: PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões *et al.* *Capoeira em múltiplos olhares: estudos e pesquisas em jogo*. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. pp. 465-480. (Coleção UNIAFRO).

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. *Capoeira: the history of an Afro-Brazilian martial art*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2005.

BONATES, Luiz Carlos de Matos. "A capoeiragem na tribo dos manaós". *O Muhra – Secretaria de Cultura, Esportes e Estudos Amazônicos*, ano I, (1), 1997, n. p.

BONATES, Luiz Carlos de Matos. "A capoeiragem baré". In: SAMPAIO, Patrícia Melo (org.). *O fim do silêncio: presença negra na Amazônia*. Belém: Açai/CNPq, 2011. pp. 79-102.

BONATES, Luiz Carlos de Matos. "A capoeiragem no Amazonas (1905 a 1980)". In: PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões *et al.* *Capoeira em múltiplos olhares: estudos e pesquisas em jogo*. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. pp. 163-182. (Coleção UNIAFRO).

BONATES, Luiz Carlos de Matos. Visibilidade da palavra capoeira enfatizada como luta nos jornais do Amazonas no período de 1852 a 1999. Relatório de pesquisa (termo aditivo ao termo de doação número 15/2015). Programa de Apoio às Artes, Secretaria de Cultura do Amazonas, 2018.

BONATES, Luiz Carlos de Matos; CRUZ, Tharcísio Santiago. *Capoeira: o patrimônio gingado do Amazonas e sua salvaguarda*. Manaus: IPHAN, 2020.

CRUZ, Tharcísio Santiago. A capoeira no Alto Solimões: corpo, identidade e interação social. Tese de Doutorado. PPGAS, Universidade Federal do Amazonas, 2021.

DANTAS, Paula. Cenas das ruas: ocorrências policiais e cultura popular em Manaus (1916-1917). Relatório de Pesquisa. PIBIC, Universidade Federal do Amazonas, 2010.

GRANADA, Daniel. "Echanges globaux, agents locaux. l'apport de la capoeira aux études sur la mondialisation". *Campos*, 16(1), 2015, p. 99-117.

GRANADA, Daniel. "Compreender o Brasil através da capoeira: capoeira, 'raça' e 'nação' no Brasil". In: BRITO, Celso de; GRANADA, Daniel (org.). *Cultura, política e sociedade: estudos sobre a capoeira na contemporaneidade*. Teresina: EDUFPI, 2020. pp. 7-22.

GUERREIRO, Fernando. [Sem título]. In: SIMPLÍCIO, Franciane; POCHAT, Alex; DAIACUÍ, Nágila (org.). *A capoeira em Salvador: registro de mestres e instituições*. Salvador: Fundação Gregório de Mattos, 2015. n. p. (Coleção Capoeira Viva).

HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

IANNI, Octávio. *Ditadura e agricultura: o desenvolvimento do capitalismo na Amazônia: 1964-1978*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Manaus – Panorama. IBGE, [S. l.], [2021]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/manaus/panorama>. Acesso em: 20 jun. 2021.

LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. *A política da capoeiragem: a história social da capoeira e do boi-bumbá no Pará republicano (1888-1906)*. Salvador: EDUFBA, 2008.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2016.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Roteiro do folclore amazônico*. Manaus: Sérgio Cardoso, 1962. Tomo I.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Papagaio de papel*. Manaus: EDUFAM, 2010.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Falta povo na história de Manaus. *Jornal do Commercio*, Manaus, edição 37941, 18 out. 1999. Caderno Especial, p. 3.

SALLES, Vicente. *O negro no Pará: sob o regime da escravidão*. Rio de Janeiro: FGV; Belém: UFPA, 1971. (Coleção Amazônica, Série José Veríssimo).

SALLES, Vicente. *A defesa pessoal do negro: a capoeira no Pará*. Brasília: [s. n.], 1994.

SALLES, Vicente. *O negro na formação da sociedade paraense*. Belém: Paka-Tatu, 2004.

SAMPAIO, Patrícia Melo (org.). *O fim do silêncio: presença negra na Amazônia*. Belém: Açáí; CNPq, 2011.

SERÁFICO, José; SERÁFICO, Marcelo. "A Zona Franca de Manaus e o capitalismo no Brasil". *Revista de Estudos Avançados*, 19(54), 2005, p. 99-113.